

Reflexões cristãs e
construção europeia

Universidade Católica Portuguesa
Lisboa, 25 nov. 1988

Lisboa, novembro 1988

Fundação Cuidar o Futuro



REFLEXAO CRISTA E CONSTRUÇÃO EUROPEIA

A Europa face à complexidade :

Nao so a sua complexidade (regioes, povos, linguas, valores, etapas de crescimento economico), mas a complexidade como um dado actual da sociedade moderna.

No XX aniversario do Clube de Roma, as palavras que se ouviam vinham do universo da complexidade :

Fundação Cuidar o Futuro

- instabilidade / desordem / incerteza (necessidade de clarificar o proprio conceito de incerteza : probabilidade de cenarios precisos).

Aqui e além, gente que trabalha, pensa, inova.
De Helsinquia a Maestricht, de Florença a Sussex.

O acto cultural que buscamos nao é um luxo : é o quadro indispensavel para que a consturção europeia tenha sentido.



A construção europeia, que no Acto Unico é designada como Uniao Europeia, assenta em dois pilares :

- por um lado, as Comunidades Europeias;
- por outro lado, a Cooperação Política Europeia.

Quanto às primeiras, e em especial em relação à Comunidade Económico Europeia, vamos interpelar os objectivos, que os doze Estados Membros se deram no Acto Unico.

Quanto à segunda, vamos tentar perceber se ha um vector cultural na condução da politica externa da Comunidade como um todo.

Não poderemos deixar de questionar a coerência cultural do projecto democratico implicito nas instituições comunitarias.

Finalmente , haverá que enquadrar culturalmente o efeito de arrastamento da construção europeia na evolução das outras regioes do planeta.

1. Uma questao cultural concreta que esta em causa nos objectivos das Comunidades é a questao do desenvolvimento social / cultural / economico, integrado e sustentado.

A Europa produziu dezenas de grelhas de análises do desenvolvimento e outros tantos cenários para a sua realização. Mas fê-lo sempre para uso externo.

Os anos do crescimento económico contínuo (que foram também os do ajuste estrutural da Comunidade) viram simultaneamente o avanço das políticas sociais enquanto resposta institucionalizada aos direitos sociais e culturais dos cidadãos. Uma e outra vertente bastou-se a si própria.

A elaboração de uma teoria do desenvolvimento no contexto dos Estados e das sociedades europeias ficou por fazer. É essa, sem dúvida, uma das maiores lacunas culturais deste continente.

Fundação Cuidar o Futuro

Temos tido na Europa reflexões parcelares, fragmentadas, por disciplina. Mas as reflexões globais que nos satisfazem não têm tido tradução política (por exemplo Alain Touraine e o papel dos "movimentos sociais").

2. A realização do Mercado Interno até 31 de Dezembro 1992 tornou-se o objectivo mais evidente da Comunidade Económica Europeia.

Trata-se de construir um Mercado livre, de fazer cair barreiras alfandegárias, de harmonizar legislações,

de ajustar preços e fiscalidade. Estamos no cerne do que pode chamar-se a "tecno-ciência ao serviço do sistema industrial mercantil".

Os seus avanços são espectaculares. E de tal maneira que 1992 não é uma súbita transformação mas esta já a operar-se sob os nossos olhos.

Mas de que instrumentos nos estamos a servir ? E de que maneira ?

É a ciência económica que conduz o processo enquanto instrumento privilegiado para esta operação. mas não está ela própria em crise ? Não é certo que a ciência económica requer um salto cultural que permita a sua re-elaboração para os novos dados do nosso tempo ? A construção do Mercado Interno põe, através e para além de todos os ajustes estruturais, o problema da escala. Grande parte dos problemas do desenvolvimento e da desordem económica internacional resultam da não-resolução do problema da escala.

Não foi por acaso que o Parlamento Europeu aprovou a semana passada um Programa Europeu de Estímulo para a Ciência Económica (SPES).

Partiu da verificação de que o nível da ciência económica na Europa está longe de se comparar com o nível que atingiu nos Estados Unidos de América e no Japão. Há "um insucesso nitido dos modelos económicos concebidos na Europa para fazer face à crise persistente". Mas mais grave



do que isso : sao necessarias projecções precisas dos efeitos previsiveis das medidas que se estao a tomar nas economias dos Estados-membros e nos varios sectores da actividade economica. Os economistas europeus apenas contribuem em 25 % para a literatura publicada no mundo sobre assuntos economicos. Ora a analise das consequências economicas do Mercado Interno nao pode ser importada.

Trata-se de uma situação inédita no panorama da economia mundial. As escolas tradicionais nao têm receitas.

- Integração horizontal de cada sector a montante e a juzante (ex.: industria da construção);

- Valorização economica de recursos tradicionais;

- Tradução economica da resposta a novas necessidades sociais (velhos, novo tipo de habitat e familia);

- Conjugação da competitividade da Europa com a reorganização do sistema economico e monetario mundial e com a solidariedade com as outras regioes do mundo.

3. Desenvolvimento científico e tecnologico / ambiente

Dois dos objectivos da Comunidade - o desenvolvimento científico e técnico e o ambiente - são, por definição, objectivos que transcendem as fronteiras nacionais. A Europa sempre defendeu a universalidade do saber e as perturbações do ambiente não conhecem fronteiras. Mas estará por isso tudo dito e será fácil a acção nestes domínios ?

Também aqui uma profunda transformação cultural se impõe - antes do mais, a do paradigma cultural. Coube, sem dúvida, a este continente o desenvolvimento da ciência, alimentado embora pelos avanços dos árabes, fenícios, chineses. Mas a aplicação da ciência através da tecnologia, a sua transmutação em riqueza, fizeram-se sob a inspiração do mandamento bíblico : "Dominai a terra e tudo o que ela contém".

Outro paradigma ficou esquecido e relegado apenas para as festividades íntimas do Natal : a harmonia do homem com a Criação e a da Criação entre si. Nesse anúncio dos novos tempos, o domínio passava a ser cuidado. De tempos a tempos um europeu erguia-se e retomava o paradigma dos novos tempos. Fê-lo Francisco de Assis - mas foi fácil chama-lo de louco e cantonar o seu espírito a uma clausura.

Hoje, o ambiente tem de ser uma das coordenadas do desenvolvimento científico e tecnológico. E não apenas como corrector dos erros cometidos, mas a montante na própria escolha dos processos científicos e das tecnologias.

Também a universalidade do saber é sujeita a uma prova fundamental : vão as tecnologias (fonte de riqueza para os países altamente industrializados) circular livremente como expressão dessa universalidade do saber ?

De paradigma cultural a opção cultural política, a mudança de óptica terá de ser profunda. Por exemplo : se é a harmonia da Criação e entre os homens que conta, não vamos usar novas tecnologias como gadgets para os quais se vão preparar as pessoas. Mas, vamos ver : que recursos humanos temos ou podemos ter ? E que serviços podem prestar aí as novas tecnologias ?

4. Política social / Coesão social e económica

As referências feitas aos objectivos da "política social" e da "coesão social e económica" têm-se transformado na boca de numerosos políticos numa espécie de fórmula incantatória cuja simples elocução gostariam talvez que trouxesse consigo a realização do que prometem ! Mas, esvaziadas



de conteúdo por essa citação frequente, correm o risco de se transformarem numa espécie de "espaço mercantilizado" do trabalho.

De novo, é de actos culturais que se trata. A politica social hoje carece de resposta a perguntas ainda nao formuladas sobre o sentido do trabalho, da actividade, dos diferentes ciclos da vida, dos varios estilos de vida, da propria natureza do contracto de emprego.

A coesao social e conomica fala de integraçao a todos os niveis do processo societal. É da produçao da sociedade que se trata. Como se mantém uma identidade, como se convertem polos de criaçao de riqueza, que significado tem o espaço rural, o tecido urbano, as culturas regionais.

Parecera que estou a enunciar problemas estéreis, sem interesse. Mas o que procuramos ja teve no tempo o seu inicio. Somos muitos neste momento a ler romances historicos uns dos outros para tentarmos sentir o pulsar da cultura viva.

5. Cooperação Política Europeia

A Cooperação Política Europeia é a dimensão política da integração económica. Significa o reconhecimento de que a economia não se basta a si própria e de que é indispensável uma acção política concertada.

Mas será possível essa cooperação política sem a noção de uma identidade cultural comum? Não é ela a cada passo prejudicada pela tentativa de supremacia deste ou daquele Estado, ou pela saída isolada para o confronto internacional de um só país?

É certo que só a vontade política pode estar na origem da cooperação política. Mas não é menos certo que a vontade política tem como raízes valores culturais que impulsionam as decisões e congregam as aspirações dos povos.

Ora como construir o futuro da Europa, na sua expressão especificamente política, sem reconhecer um passado comum? A história da Europa vista não como justaposição de histórias nacionais mas como longa evolução dos povos que de confrontos violentos e de desejos hegemónicos chegam a uma cooperação harmoniosa é um empreendimento imperativo no panorama cultural europeu. Só há a consciência de um povo onde todos os seus membros são capazes de se reconhecerem nos mesmos actos fundadores.

A Cooperação Política Europeia, forte desse passado, podera deixar-se interrogar quanto ao futuro: os passos que vamos dar serao os do universo fechado destes 12 paises, e entao tornar-se-ao uma realidade necessariamente eutropica - ou serao esses passos capazes de abarcar o alargamento a outras opções externas (Suécia / Austria) a outros regimes politicos (Jugoslavia e Europa de Leste) , para algumas até a outro tipo de civilização (Turquia) ?

Nao sao argumentos de ordem geo-estratégica que poderao ditar a resposta, mas sim razoes de ordem eminentemente cultural. Cf. Joao Paulo II.

Fundação Cuidar o Futuro

6. As instituições comunitarias

O equilibrio de poderes entre as instituições comunitarias, embora tenha tido um nitido progresso com os mecanismos estabelecidos pelo Acto Unico, está longe de ser satisfatorio. É hoje um lugar comum a existência de um "deficit democratico" na Comunidade, ja que o Parlamento Europeu nao detém os poderes de que os Parlamentos nacionais ficam privados com as decisoes tomadas pelo Conselho.



§§ É de um problema cultural que se trata, um problema que tem na Europa, mais do que em qualquer outra região do mundo, razões para ser encarado e resolvido. Qual é a perda hipotética de soberania do Estado-Nação? É minha convicção que essa "perda de soberania" toca questões da gestão quotidiana que não são necessariamente estruturadoras do Estado-Nação. A simultaneidade da pertença nacional e da pertença europeia só pode ser reforçada por gestos culturais que delimitem claramente o domínio das grandes decisões que afectam a cultura, a história e a identidade de cada povo.

A soberania reside no povo. Razão fortíssima para que a Europa se faça com os cidadãos; que seja, como dizem intelectuais europeus, "a Europa dos espíritos e dos corações".

Fundação Cuidar o Futuro

Essa Europa exige que os Europeus participem na tomada de decisão das grandes questões que lhes dizem respeito - consulta de todos os parceiros sociais, referendos europeus. Mas exige também a familiaridade dos europeus entre si - não só as Universidades de tipo novo como alguns advogam, mas sobretudo a possibilidade para os estudantes de terem um ano curricular em outro país da Comunidade.

E se formos capazes de criar no espaço europeu uma verdadeira formação permanente, nada impede que todos os europeus sem excepção tenham um ano da sua vida adulta num ambiente cultural diferente do do seu país. Se tal experiência

é possível no quadro militar, porque não o ha-de ser no quadro civil ?

7. Efeito de arrastamento da construção europeia nas outras regiões

Na sua construção, a Comunidade tende a estimular o diálogo com grupos regionais. Já com os ACP, esboça-se com o Mediterrâneo, e com a América Latina, e a Ásia, de forma institucionalizada.

Começa a ouvir-se com frequência, nos fóruns internacionais, o reconhecimento do impasse de uma comunidade internacional a 160 vozes. Por outro lado, em algumas zonas do mundo (foi o caso dos líderes africanos que se reuniram a semana passada na Nigéria) começa a sentir-se a limitação ao desenvolvimento e ao diálogo internacional que pesa sobre o Estado-Nação. A tendência para o regional é inelutável.

A reflexão da Europa sobre si própria, sobre a sua construção regional é um imperativo cultural. Para que se não dê no campo político o que aconteceu no campo económico e tecnológico - que o modelo europeu foi seguido sem que a própria Europa lhe apontasse as dificuldades e as exigências.

8. Na raiz da cultura, os valores cristãos

Não falei das indústrias culturais. Fi-lo deliberadamente. Quis valorizar o esforço de pensamento, de investigação e de partilha que é necessário.

Mas deixaria a dimensão cultural numa abstracta nudez se a não vinculasse a um modo de ser e estar, aos valores que a moldaram. Por muito grande que seja a indiferença religiosa de muitos europeus, por muito oportunista que seja a atitude de alguns políticos que se dizem cristãos, não podemos escamotear o modo como a cultura judaico-cristã contribuiu para a identidade europeia. Cruzamentos fecundos, confrontos difíceis, mas o Cristianismo traçou entre os europeus um dos mais fortes laços da sua história. Olhar de frente esse contributo é uma tarefa imperativa.

